

Materiais cerâmicos pré-romanos provenientes do sítio da Bela Fria (Tavira)

Jaquelina Covaneiro
Câmara Municipal de Tavira
Sandra Cavaco
Câmara Municipal de Tavira
Vera Teixeira de Freitas

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

Resumo

O sítio da Bela Fria situa-se na face norte da colina de Santa Maria. Recentes trabalhos arqueológicos realizados no local permitiram a identificação de um arrabalde almóada, sendo ainda de destacar a identificação de vestígios de ocupação que remontam ao Bronze Final. É possível que tenha havido escorrência de materiais cerâmicos para a área onde foi identificado o arrabalde, o que explicaria a presença destes materiais no local em análise.

Embora tenham sido identificados no decurso da escavação de níveis islâmicos, os materiais cerâmicos alvo deste estudo apresentam uma cronologia mais antiga, integrando-se na já conhecida ocupação sidérica de características orientais. Destes destacamos as ânforas, a cerâmica de engobe vermelho, os *pithoi* e a cerâmica cinzenta, apresentando-se de um modo geral, muito fragmentados e rolados, sendo frequente a presença de concreções de carbonatos.

Introdução

A área onde se implanta a Bela Fria foi alvo de um projeto de revitalização que passou pela repavimentação da Calçada de Santa Maria e da rua da Bela Fria, e pela requalificação da bolsa de estacionamento aí existente. Esta requalificação integrou-se numa estratégia mais abrangente, a requalificação e reabilitação do centro histórico de Tavira.

O projeto tinha como objetivo uma intervenção mínima no terreno, aproveitando os níveis altimétricos existentes, recuperando e consolidando os muros de suporte em alvenaria de pedra existentes e nivelar os taludes de modo a proceder à colocação de vegetação. De modo a concretizar essa requalificação a área foi dotada de infraestruturas de saneamento, iluminação, mobiliário urbano, informação e sinalética específica.

Uma vez que a Bela Fria se localiza em área de sensibilidade arqueológica foi emitido parecer favorável (DRCA Algarve) mas condicionado à realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico. A identificação de contextos

arqueológicos preservados, nomeadamente islâmicos originou uma intervenção arqueológica em área.

Localização

Tavira localiza-se no Sul de Portugal, na margem direita do rio Gilão, junto à sua embocadura.

O sítio da Bela Fria implanta-se junto ao sopé da encosta Este da colina de Santa Maria, sobranceira à foz do rio, tendo-se a partir dela um excelente domínio visual. (fig. 1).

É ainda de salientar que o sítio da Bela Fria se localiza no centro histórico da cidade, em particular na área de proteção às muralhas de Tavira. Nas suas imediações encontram-se os sítios do Convento de Nossa Senhora da Graça e do Parque de Festas. Ambos os sítios apresentam uma ampla diacronia de ocupação, salientando-se a presença de vestígios da Idade do Bronze Final, a ocupação da Idade do Ferro e Época Islâmica e Época Moderna.

Os trabalhos arqueológicos

A intervenção arqueológica efetuada na Bela Fria permitiu identificar um arrabalde islâmico de cronologia tardo almóada (meados do século XII / inícios do século XIII), e um torreão da muralha islâmica, tendo-se verificado que as estruturas islâmicas estavam sob um nível de abandono de cronologia medieval e moderna.

O arrabalde da Bela Fria é composto por, pelo menos, seis casas, ruas, canalizações e uma estrutura que poderá estar ligada a tarefas não domésticas. De um modo geral, as estruturas foram construídas sobre a rocha-base, não tendo sido reconhecidas preexistências (Covaneiro, Cavaco, 2012).

Após a ocupação islâmica, e nos primeiros anos da presença cristã, o local foi abandonado e, muito provavelmente, utilizado como horta até meados do século XX. Contudo, constatamos que a área terá funcionado como local de despejo, uma vez que foram identificados materiais cerâmicos de cronologia medieval e moderna na área do torreão e da Calçada de Santa Maria.

Os materiais cerâmicos

Os materiais cerâmicos de cronologia pré-romana concentram-se, maioritariamente, na área correspondente ao arrabalde islâmico, distribuindo-se de modo similar por toda a área. No entanto, são mais frequentes nos locais onde a potência estratigráfica é maior.

No que concerne a dispersão dos fragmentos cerâmicos pelos contextos arqueológicos reconhecidos verificamos que estes se distribuem

uniformemente por depósitos de origem antrópica (camada, enchimento, derrube e estrutura).

De modo geral pode-se afirmar que o espólio cerâmico em estudo apresenta um carácter bastante fragmentário, provindo na sua totalidade de contextos de cronologia islâmica ou mais recente. Esta situação, conjuntamente com a longa diacronia de utilização de algumas das formas presentes, inviabilizou à partida uma caracterização mais aprofundada do conjunto, limitando consideravelmente a análise tipológica e cronológica possível.

A cerâmica dita de carácter comum apresenta-se como o conjunto mais frequente, sendo possível verificar a existência de vários grupos funcionais distintos. Dentro da categoria de recipientes de uso doméstico destacamos as tigelas hemisféricas de perfil simples e bordo ligeiramente engrossado (fig. 2 n.º 1). Trata-se de recipientes de carácter multifuncional, relacionados principalmente com o consumo e preparação de alimentos, sendo considerados, devido à sua longa pervivência, como elementos pouco fiáveis para a datação de contextos. Relativamente às taças, possuem as mesmas características das tigelas, diferindo da forma anterior pela sua menor capacidade. No que diz respeito à sua função, foi também proposto o seu uso como lucernas sendo que, nos exemplares em análise, não é possível comprovar esta utilização específica, uma vez que estas não possuem marcas de combustão (fig. 2, n.º 2). Relacionados provavelmente com o consumo de líquidos, regista-se a presença de formas tendencialmente fechadas (fig. 2, n.º 3-4). Os grandes recipientes abertos – bacias/alguidares -, destinados a cumprir funções no âmbito da preparação e armazenamento de alimentos, são o tipo mais frequente da amostra (fig. 2, n.º 5 - 9). Destes destacamos um exemplar típico da forma habitualmente designada por *lebrillo* (fig. 2, n.º 7), caracterizada por um bordo com lábio desenvolvido exteriormente, colo com ligeiro estrangulamento e uma carena mais ou menos marcada que separa o bordo do corpo. Esta forma encontra-se presente em vários sítios algarvios com ocupação coetânea com Tavira, sendo cronologicamente integrado entre o séc. V e o III a.n.e. O referido exemplar apresenta um fabrico com possível proveniência da zona de Cádiz. Regista-se a presença de um outro tipo de grande recipiente para armazenagem, correspondendo a uma forma fechada tendencialmente esférica, (fig. 2, n.º 10) de fabrico bastante grosseiro de carácter local/regional.

Inserimos ainda no grupo dos grandes recipientes o que considerámos um vaso afim de *pithos* (fig. 3, n.º 1). Este exemplar aparenta ser um tipo evoluído da forma habitualmente conectada com a presença fenícia, mantendo as asas bífidas mas sem no entanto ostentar a típica decoração pintada.

No que diz respeito à categoria de recipientes de cozinha, a amostra é bastante mais reduzida, destacando-se um exemplar de panela (fig. 2, n.º 11) de pasta de matriz não calcária de produção local/regional. Optamos por denominar de potes, exemplares que, apesar de morfológicamente semelhantes às

panelas, possuem pasta calcária de fabrico gaditano (fig. 2, n.º 12). Este tipo de fabrico é incompatível com a utilização destes como recipientes de cozinha, devendo antes terem desempenhado funções ao nível da pequena armazenagem de alimentos.

A cerâmica cinzenta encontra-se presente na amostra com escassos exemplares, nomeadamente através de um fundo em ônfalo (fig. 3, n.º 3) e de um fragmento de bordo pertencente a uma tigela (fig. 3, n.º 2), a forma mais frequente desta categoria cerâmica e que possui a diacronia mais longa.

A cerâmica de engobe vermelho possui um carácter residual na amostra, tendo-se identificado um fragmento de bojo pertencente a um recipiente fechado de forma indeterminada. Destaca-se, de igual forma, um fundo de prato de engobe violáceo, de lábio largo e com a típica concavidade central dos denominados pratos de peixe (fig. 3, n.º 4). Este modelo de prato, mas revestido a engobe vermelho, é frequente em contextos do século VI a.n.e., enquanto a presente variante com engobe violáceo integra-se cronologicamente desde a segunda metade do século V ao século III a.n.e.

A cerâmica manual encontra-se representada a por um exemplar de bojo pertencente a um grande recipiente ao qual foi aplicado um cordão com uma incisão central (fig. 3, n.º 5) e um fragmento diminuto de bordo de um grande recipiente.

As ânforas são em número bastante reduzido, limitando-se o número de bordos a cinco exemplares. Para além de um exemplar das ânforas do grupo R1, do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres (1995) de fabrico próximo ao “Grupo Extremo Ocidente Indeterminado” (fig. 4, n.º 1), identificamos ânforas da forma B/C de Pellicer, considerada como uma das produções tipicamente turdetana e correspondente a uma evolução das anteriormente referidas ânforas fenícias de saco. A opção comumente aceite de integrar os dois tipos definidos por Pellicer no Cerro Macareno numa denominação única deve-se ao facto destas ânforas apenas serem distinguíveis ao nível do corpo – troncocónico no caso da ânfora da forma B e oval ou fusiforme na ânfora C – o que dificulta a tarefa de associar os bordos a um tipo específico (Pellicer, 1978; Pellicer *et al.*, 1983).

Dois dos três exemplares (fig. 4, n.º 2-3) inserem-se na variante B/C 2, caracterizada por possuir bordo de secção circular e datando dos finais do século VI a.n.e. até aos finais do século IV a.n.e. A restante peça deste tipo anfórico insere-se na variante B/C 3, de bordo amendoado de secção oval (fig. 4, n.º 4). Cronologicamente centra-se entre os meados do séc. V e o terceiro quartel do séc. IV a.n.e. A análise macroscópica efetuada leva-nos a considerar os exemplares de Tavira como correspondendo a produções da baía de Cádiz.

Com base na sua presença na fábrica de preparados de peixe de Las Redes atribui-se a esta ânfora um conteúdo de preparados piscícolas (De Frutos, Chic, Berriatúa, 1988). A sua produção não foi comprovada nos fornos

escavados durante o século passado no Cerro Macareno (Belén Deamos, 2006), todavia recentes investigações permitiram detetar o fabrico deste tipo anfórico nos fornos junto à ribeira de Arbolón em Carmona (Rodríguez, 2001), situação já anteriormente sugerida para o forno de Pajar de Artillo (Luzón, 1973).

Ainda no âmbito das ânforas, regista-se a presença de um exemplar da ânfora de conteúdo piscícola genericamente denominada de Maña Pascual A4 (série 11 e 12 de Ramón Torres), cuja pasta indicia igualmente uma produção na área gaditana (fig. 4, n.º 5). A sua produção iniciou-se a partir de finais do século VI a.n.e., sendo que o tipo 11.2.1.3 de Joan Ramón, atribuído ao exemplar em estudo, surge em contextos datados dos finais do séc. VI e do séc. V a.n.e., tendo sido maioritariamente produzido no último quartel do século V a.n.e.

De igual forma, foram recolhidos 26 fragmentos de asas de ânforas - 25 de asa de rolo e uma asa com sulco central - cuja classificação tipológica precisa não é possível devido à frequência desta morfologia de asas nos tipos anfóricos sidéricos.

O estado de conservação dos fragmentos de cerâmica grega de verniz negro (fig. 5) dificultou a sua aproximação classificativa. Trata-se de três exemplares de diminutas dimensões, dois fundos e um bordo, cujo verniz se encontra muito mal conservado. Quanto aos fundos propomos com reservas tratem-se de Páteras das formas 21/22 de Lamboglia (*incurving rim bowl* e *outturned rim bowl*), taças de bordo muito reentrante ou exvertido respetivamente, cujo pé alto e arqueado é em tudo semelhante (fig. 5, n.º 1-2). Ressalvamos que o estado de fragmentação das peças não nos permite verificar a existência do típico arqueamento do pé. No caso da Pátera 21, a sua produção inicia-se no final do século V a.n.e., atingindo o seu máximo durante o século IV e permanecendo até época helenística. Cronologicamente, a Pátera 22 integra-se no século IV a.n.e. (Arruda, 1997: 130-133; Arruda *et al.*, 1998: 135-137; Barros, 2003 e 2005).

A classificação do bordo levanta menores reservas, tratando-se de um prato de peixe (forma 23 de Lamboglia) - forma abundante no reportório de cerâmicas gregas dos sítios peninsulares, caracterizada por possuir um bordo pendente ou engrossado e fundo com depressão central bem marcada. O lábio engrossado da peça de Tavira apresenta uma ligeira canelura na zona central, característica pouco comum nestes pratos. Este exemplar data da primeira metade do século IV a.n.e. (Arruda, 1997: 133-134; Arruda *et al.*, 1998: 139-140; Barros, 2003 e 2005).

Análise do conjunto artefactual

Uma tentativa de análise do conjunto artefactual esbarra à partida com algumas dificuldades ao considerarmos, para além do seu mau estado de conservação e índice de fragmentação, o número reduzido da amostra. A estes

motivos acresce o carácter de material intrusivo em contextos arqueológicos de época posterior. Desta forma, e tal como já foi referido anteriormente, o estudo efetuado reveste-se impreterivelmente de um âmbito parcelar, impossibilitando qualquer tentativa de análise quantitativa ou de estabelecimento de grupos de fabrico.

Todavia, é possível tecer alguns comentários ao espólio cerâmico estudado. A ânfora R1 é claramente um elemento cronologicamente dissonante no conjunto, sendo testemunho de um momento antigo da ocupação de Tavira centrado entre meados do século VII e meados do século VI a.n.e. As restantes ânforas documentam um período posterior, centrado entre meados do século V e todo o século IV a.n.e. Parece-nos exaustivo relatar a totalidade dos sítios do sul peninsular onde este tipo de ânforas se encontra presente, sendo no entanto de indicar que são formas características dos conjuntos anfóricos deste período. Importa salientar que foi sugerida uma produção algarvia das ânforas B/C em Faro (Sousa, Arruda, 2010: 959), aparentemente com uma difusão de âmbito restrito e local, não tendo sido detetado em Castro Marim e no Monte Molião.

Denota-se a ausência de outros tipos anfóricos presentes em contextos algarvios cronologicamente análogos, num sentido lato tendo em consideração a perduração de alguns destes recipientes, como é o caso das ânforas de tipo Tiñosa (T.8.1.1.2.), tipo Carmona (T. 8.2.1.1.) e tipo D de Pellicer.

Relativamente às cerâmicas áticas importa referir que as Páteras da forma 21/22 de Lamboglia já tinham sido detetadas em Tavira (Barros, 2003 e 2005), ao contrário do Prato de Peixe, uma novidade no reportório das cerâmicas gregas deste sítio.

Apesar das limitações anteriormente referidas, é possível verificar, em certa medida, alguma coerência temporal dentro do conjunto, com a maioria dos materiais a centrar-se cronologicamente entre meados/ finais do séc. V e o séc. IV a.n.e. De facto, durante este período são perceptíveis alterações no reportório cerâmico que se refletem no conjunto em análise, com a presença de tipos característicos de um momento anterior da ocupação sidérica em paulatino abandono, como é o caso da cerâmica cinzenta e das formas afim de *pithos*, bem como modificações estruturais na cerâmica de engobe vermelho que acabaram por conduzir ao seu desuso. A manutenção da cerâmica manual estará relacionada com questões de ordem funcional, nomeadamente o seu uso enquanto cerâmica de cozinha.

Por sua vez, as produções gaditanas, nomeadamente as ânforas e a cerâmica comum marcam presença de forma inegável e demonstram a crescente influência gaditana. Não é possível comprovar o predomínio destas produções à semelhança do demonstrado para Faro, Castro Marim e Monte Molião (Sousa, Arruda, 2010), locais onde a cerâmica comum originária da área da baía de Cádiz ultrapassa os dois terços do conjunto.

De igual forma, neste momento, não é possível comprovar neste local a continuidade da ocupação sidérica durante o séc. III a.n.e., pois as produções típicas deste século, tais como as ânforas de tipo Pellicer D e a cerâmica de Kuass, não foram identificadas. A presença de um exemplar de ânfora de tipo D de Pellicer nas escavações efetuadas no BNU (Maia, 2007:481), deve, no nosso entender, ser considerada com as devidas reservas, sendo prudente aguardar por novos dados que nos permitam afirmar com segurança a presença deste tipo anfórico.

Em conclusão podemos afirmar que este conjunto corresponde na generalidade a um momento de transição, onde se verifica a manutenção de peças de tradição sidérica antiga e outras formas plenamente turdetanas.

Considerações finais

O espólio sidérico da escavação da Bela Fria não nos permite corroborar uma ocupação desta área durante a Idade do Ferro, sendo provável que estes materiais provenham de uma zona de cota altimétrica superior, situada a oeste do local onde foram recolhidos nomeadamente na colina de Santa Maria, e que a sua presença no local se deva a fenómenos de escorrências.

Tal como outros investigadores referiram (Sousa, Arruda, 2010: 969) é possível inferir um aumento da área ocupada em Tavira a partir do século V a.n.e., tendo em consideração os resultados apresentados da escavação realizada no BNU (Maia, 2007). Em consonância com este momento de florescimento económico e ocupacional verificável em vários sítios algarvios, inicia-se um processo do qual resulta a fundação de novos estabelecimentos, como é o caso de Faro e Monte Molião – com um início de ocupação a partir do último quartel do século IV a.n.e. (Sousa, Arruda, 2010: 970). Este processo não é exclusivo da área algarvia, sendo comum a toda a Andaluzia, devendo-se relacionar o desenvolvimento e prosperidade destas comunidades com a exploração intensiva dos recursos marinhos disponíveis.

**Catálogo de peças
Cerâmica Comum**

Quad. BC 1 [227] 643 - n.º ficha 51 | fig. 2 n.º 1

Bordo ligeiramente espessado internamente de tigela hemisférica de perfil simples. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino e tom alaranjado, superfícies alisadas, sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A - cozedura dominante em ambiente redutor e um arrefecimento oxidante (Picon, 1973: 55-71). Diâmetro de bordo: 24 cm.

Quad. AB 1/2 [26] 508 - n.º ficha 69 | Não ilustrada

Bordo reto de tigela hemisférica de perfil simples com uma perfuração. Apresenta pasta de argila calcária de grão médio, com grande quantidade de inclusões de pequenas dimensões e tom alaranjado. Superfícies alisadas, sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Sond. B [01] 24 - n.º ficha 48 | fig. 2 n.º 2

Bordo reto, ligeiramente espessado internamente de taça de tendência hemisférica. Apresenta pasta de argila não calcária de grão médio, superfícies alisadas com vestígios de aguada de tom alaranjado. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 16 cm.

Quad. BC 1/2 [102] 279 - n.º ficha 42 | Não ilustrado

Bordo reto sem espessamentos de taça de tendência hemisférica. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino e tom rosado. Superfícies alisadas com vestígios de aguada de tom bege acastanhado. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. BC 1/2 [227] 666- n.º ficha 59 | Não ilustrado

Bordo reto sem espessamentos de taça de tendência hemisférica. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino e tom rosado. Superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Sond. B [01] 24- n.º ficha 50 | Não ilustrado

Bordo reto sem espessamentos de taça de tendência hemisférica. Apresenta pasta de argila não calcária de grão médio de tom alaranjado claro. Superfícies alisadas com vestígios de aguada de tonalidade alaranjada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Sond. B [01] 24- n.º ficha 49 | Não ilustrado

Bordo reto de provável taça de tendência hemisférica. Apresenta pasta de argila não calcária de grão médio e tom rosado. Superfícies alisadas com vestígios de aguada de tonalidade acinzentada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. A2 [16] 694 - n.º ficha 46 | fig. 2 n.º 3

Bordo simples, esvasado para o exterior, correspondendo a peça de tendência fechada, provavelmente um potinho. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino e tom rosado, superfícies alisadas com vestígios de aguada esbranquiçada. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 14 cm.

Quad. BC 1/2 [102] 279 - n.º ficha 55 | fig. 2 n.º 4

Fundo destacado com base ligeiramente côncava, correspondendo a uma forma fechada. Apresenta pasta de argila não calcária de grão médio, superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de fundo: 10 cm.

Quad. A9 [85] 238 - n.º ficha 43 | fig. 2 n.º 5

Bordo com espessamento externo, ligeiramente esvasado para o exterior, correspondendo a um grande recipiente aberto – bacia/alguidar. Apresenta pasta de argila calcária de grão médio e tom claro, superfícies alisadas com vestígios de engobe de tom cinzento na superfície externa. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 26 cm.

Quad. A2 [16] 694 - n.º ficha 47 | fig. 2 n.º 6

Bordo de perfil triangular esvasado para o exterior, correspondendo a um grande recipiente aberto – bacia/alguidar. Apresenta pasta de argila calcária de grão médio e tom claro, superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 25 cm.

Quad. A8 [48] 243 - n.º ficha 52 | fig. 2 n.º 7

Bordo com lábio desenvolvido exteriormente, colo com ligeiro estrangulamento e uma carena que separa o bordo do corpo, correspondendo a um grande recipiente aberto – *lebrillo*. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino, de tonalidade beije e superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 27 cm.

Quad. A9 [85] 238 - n.º ficha 54 | fig. 2 n.º 8

Bordo de tendência reta, com espessamento externo correspondendo a um grande recipiente aberto. Apresenta pasta de argila calcária de grão médio e tonalidade alaranjada e superfícies com vestígios de aguada de tom acinzentado. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 32 cm.

Quad. B8/9 [46] 710 - n.º ficha 45 | fig. 2 n.º 9

Bordo com espessamento externo correspondendo a um grande recipiente aberto – bacia/alguidar. Apresenta pasta de argila não calcária de grão médio e tonalidade avermelhada. Superfícies com vestígios de engobe acinzentado. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 39 cm.

CSM [23] 73 - n.º ficha 53 | fig. 2 n.º 10

Bordo invertido com ligeiro espessamento interno, correspondendo a um grande recipiente de tendência esférica. Apresenta pasta de argila não calcária de tonalidade avermelhada, com grande quantidade de inclusões de média dimensão. Superfícies com engobe acinzentado aplicado. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 27 cm.

Quad. A A'2/1/1' [198] 542 - n.º ficha 61 | Não ilustrado

Fundo de pé anelar pertencente a forma indeterminada. Apresenta pasta de argila calcária de tonalidade alaranjada clara. Superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. C3 [155] 420 - n.º ficha 68 | Não ilustrado

Fundo de pé anelar pertencente a forma indeterminada. Apresenta pasta de argila calcária de tonalidade rosada. Superfícies alisadas com vestígios de aguada de tonalidade rosada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. AB 2 [209] - n.º ficha 63 | Não ilustrado

Fundo plano de pé destacado pertencente a forma indeterminada. Apresenta pasta de argila calcária de tonalidade rosada. Superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. B 2 [28] 48 - n.º ficha 64 | Não ilustrado

Fundo plano de pé destacado pertencente a forma indeterminada. Apresenta pasta de argila calcária de tonalidade alaranjada clara. Superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. A A'2 [177] 749 - n.º ficha 65 | Não ilustrado

Fundo plano de pé destacado pertencente a forma indeterminada. Apresenta pasta de argila calcária de tonalidade alaranjada clara. Superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. A 9 [85] 238 - n.º ficha 44 | Não ilustrado

Fundo plano pertencente a forma indeterminada. Apresenta pasta de argila calcária de tonalidade rosada. Superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. CD 3 [147] 395 - n.º ficha 62 | Não ilustrado

Fundo plano pertencente a forma indeterminada. Apresenta pasta de argila calcária de tonalidade rosada. Superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. BC 1/2 [227] 666 - n.º ficha 39 | fig. 3 n.º 1

Bordo simples esvasado, com arranque de asas bífidas, correspondendo a um recipiente afim de *pithos*. Apresenta pasta de argila calcária de grão médio e tonalidade beije. Superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 32 cm.

Quad.. BC 5/6 [76] - n.º ficha 60 | Não ilustrado

Asa bífida, correspondendo a um recipiente afim de *pithos*. Apresenta pasta de argila calcária de tonalidade beije esbranquiçada, com grande quantidade de inclusões de médias dimensões. Superfícies alisadas sem vestígios de aguada ou pintura. A cozedura foi efectuada em Modo A.

Quad. A8 [48] 243 - n.º ficha 40 | fig. 2 n.º 11

Bordo ligeiramente esvasado, correspondendo a uma panela. Apresenta pasta de argila não calcária de grão médio e tonalidade alaranjada. Superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efectuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 13 cm.

Quad. BC 1/2 [102] 279 - n.º ficha 41 | Fig. 2 n.º 12

Bordo ligeiramente esvasado com espessamento externo, colo troncocónico invertido curvo, correspondendo a um pequeno pote. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino, de tonalidade beije e superfícies alisadas sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 14 cm.

Cerâmica Cinzenta

Quad. BC 5/6 [76] 205 - n.º ficha 36 | fig. 3 n.º 2

Bordo de tigela hemisférica de perfil simples. Apresenta pasta de argila calcária de grão médio e tom castanho acinzentado, superfícies alisadas de tonalidade acinzentada, sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo B - cozedura dominante em ambiente redutor e arrefecimento igualmente em ambiente redutor (Picon, 1973: 55-71). Diâmetro de bordo: 22 cm.

Quad. A8 [48] 243 - n.º ficha 38 | fig. 3 n.º 3

Fundo em ônfalo de pé ligeiramente destacado, podendo corresponder a peça aberta ou fechada. Apresenta pasta de argila calcária de grão médio e tom castanho acinzentado, superfícies alisadas de tonalidade acinzentada, sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo B. Diâmetro do fundo: 5 cm.

Cerâmica de Engobe Vermelho

Quad. BC 5/6 [76] 205 - n.º ficha 36 | fig. 3 n.º 4

Fundo ligeiramente côncavo, com lábio terminando em carena bem marcada que assinala o início da concavidade central do prato. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino e tom beije. Superfície externa alisada com aguada de tonalidade beije alaranjada e superfície interna com engobe violáceo baço, espesso e aderente. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro do fundo: 6 cm.

CSM [15] 54 - n.º ficha 67 | Não ilustrado

Bojo de forma fechada indeterminada. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino e tom beije. Superfície externa com engobe violáceo espesso e aderente, e superfície interna sem vestígios de tratamento. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Cerâmica Manual

Sond. B [01] 24 - n.º ficha 34 | fig. 3 n.º 5

Bojo de cerâmica de produção manual, apresentando um cordão horizontal aplicado com incisão horizontal. Apresenta pasta de argila não calcária de tonalidade laranja avermelhada, com grande quantidade de inclusões de pequenas dimensões. Superfícies de tom acinzentado, ligeiramente alisadas. A cozedura foi efetuada em Modo B.

Quad. BC 5/6 [76] 205 - n.º ficha 37 | Não ilustrado

Bordo de cerâmica de produção manual, correspondendo a um grande recipiente. Apresenta pasta de argila não calcária de tonalidade avermelhada, com grande quantidade de inclusões de médias dimensões. Superfícies de tom acastanhado escuro, ligeiramente alisadas. A cozedura foi efetuada em Modo B.

Ânforas

Quad.A 9/10 [85] - n.º ficha 26 | fig. 4 n.º 1

Bordo de ânfora do grupo R1. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino e tonalidade beije. Superfícies alisadas de tom beije. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 12,8 cm.

Quad. A A' 2/1/1' [198] 589 - n.º ficha 27 | fig. 4 n.º 2

Bordo de secção circular de ânfora de tipo B/C 2. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino e tonalidade beije rosada. Superfícies alisadas, sem vestígios de aguada. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 12 cm.

Quad. BC 1/2 [227] 666 - n.º ficha 28 | fig. 4 n.º 3

Bordo de secção circular de ânfora de tipo B/C 2. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino e tonalidade beije rosada. Superfícies alisadas, com vestígios de aguada beije rosada na superfície externa. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 13 cm.

CSM [55] 102 - n.º ficha 70 | fig. 4 n.º 4

Bordo de ânfora amendoado de tipo B/C 3. Apresenta pasta de argila calcária de grão fino com tonalidade beije alaranjada e núcleo cinzento claro. Superfícies alisadas, com vestígios de aguada esbranquiçada na superfície externa. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 14 cm.

Quad. BC 1/2 [227] 666 - n.º ficha 29 | fig. 4 n.º 5

Bordo de ânfora de tipo Maña Pascual A4/11.2.1.3. Apresenta pasta de argila calcária de grão médio e tonalidade alaranjada. Superfícies alisadas, com vestígios de aguada alaranjada na superfície externa. A cozedura foi efetuada em Modo A. Diâmetro de bordo: 13 cm.

Quad. BC 1/1' [227] 625 - n.º ficha 13 | *Quad. AB 2/3 [Limp.] 519 - n.º ficha 18* | *Quad. AA' 2/1/1' [198] 589 - n.º ficha 21* | Não ilustradas

Três fragmentos de asa de rolo pertencentes a ânforas de tipo indeterminado. Apresentam pastas de argila calcária de grão médio e tonalidade alaranjada. Superfícies alisadas, com vestígios de aguada alaranjada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. CD 4/5 [133] 763 - n.º ficha 4 | *[Limp] 259 - n.º ficha 5* | *Quad. C 7 [123] 344 - n.º ficha 6* | *Quad. BC 1/2 [227] 666 - n.º ficha 9* | *Quad. BC 1/2 [227] 666 - n.º ficha 10* | *Quad. A 9 [85] 238 - n.º ficha 14* | *Quad. AB 2/3 [Limp] 519 - n.º ficha 17* | *Quad. BC 1/2 [227] 666 - n.º ficha 24* | *CSM [23] 73 - n.º ficha 66* | Não ilustradas

Nove fragmentos de asa de rolo pertencentes a ânforas de tipo indeterminado. Apresentam pastas de argila calcária de grão médio e tonalidade variável entre o

beije acastanhado e o beije amarelado. Superfícies alisadas, com vestígios de aguada beije amarelada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. BC 1 [01] 14 - n.º ficha 3 | Quad. BC 1/2 [227] 631 - n.º ficha 12 | [53] 102 - n.º ficha 16 | Quad. A 8 [48] 243 - n.º ficha 19 | Quad. A 8 [48] 243 - n.º ficha 20 | Quad. AA' 2/1/1' [198] 589- n.º ficha 22 | Quad. BC 1/2 [227] 666 - n.º ficha 23 | Não ilustradas

Sete fragmentos de asa de rolo pertencentes a ânforas de tipo indeterminado. Apresentam pastas de argila calcária de grão médio e tonalidade variável entre o cinzento acastanhado e o castanho claro. Superfícies alisadas, com vestígios de aguada cinzenta acastanhada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Quad. BC 1/2 [102] 279- n.º ficha 1 | Quad. BC 1 [01] 14- n.º ficha 2 | Quad. AB 1/2 [26] 508- n.º ficha 7 | Quad. AB 2/3 [19] 517- n.º ficha 8 | Quad. BC 1/2 [102] 279- n.º ficha 11 | Quad. A 9 [85] 238- n.º ficha 15 | Quad. BC 1/2 [227] 666- n.º ficha 25

Sete fragmentos de asa de rolo pertencentes a ânforas de tipo indeterminado. Apresentam pastas de argila calcária de grão médio e tonalidade acinzentada. Superfícies alisadas, com vestígios de aguada beije amarelada. A cozedura foi efetuada em Modo A.

Cerâmica Ática de verniz negro

Quad. BC 2 [198] 570 - n.º ficha 57 | fig. 5 n.º 1

Fragmento de fundo de pé anelar de uma Pátera das formas 21 ou 22 de Lamboglia (*incurving rim bowl* e *outturned rim bowl*). O estado de fragmentação da peça não nos permite uma caracterização morfológica mais completa. Pasta compacta de grão fino de tonalidade beije alaranjada Não apresenta áreas em reserva. Verniz de cor preta, brilhante, aderente e pouco espesso. Diâmetro do fundo: 9,6 cm. Espessura do pé: 1 cm.

Quad. B 2 [28] 48 - n.º ficha 58 | fig. 5 n.º 2

Fragmento de fundo de pé anelar de uma Pátera das formas 21 ou 22 de Lamboglia (*incurving rim bowl* e *outturned rim bowl*). O estado de fragmentação da peça não nos permite uma caracterização morfológica mais completa. Pasta compacta de grão fino de tonalidade beije alaranjada Não apresenta áreas em reserva. Verniz de cor preta, brilhante, aderente e espesso. Diâmetro do fundo: 12,6 cm. Espessura do pé: 0,8 cm.

Sond. B [01] 24- n.º ficha 56 | fig. 5 n.º 3

Bordo de prato de peixe de lábio pendente com uma ligeira depressão na sua zona central. Apenas se conservou um pouco de verniz na zona da curvatura externa do

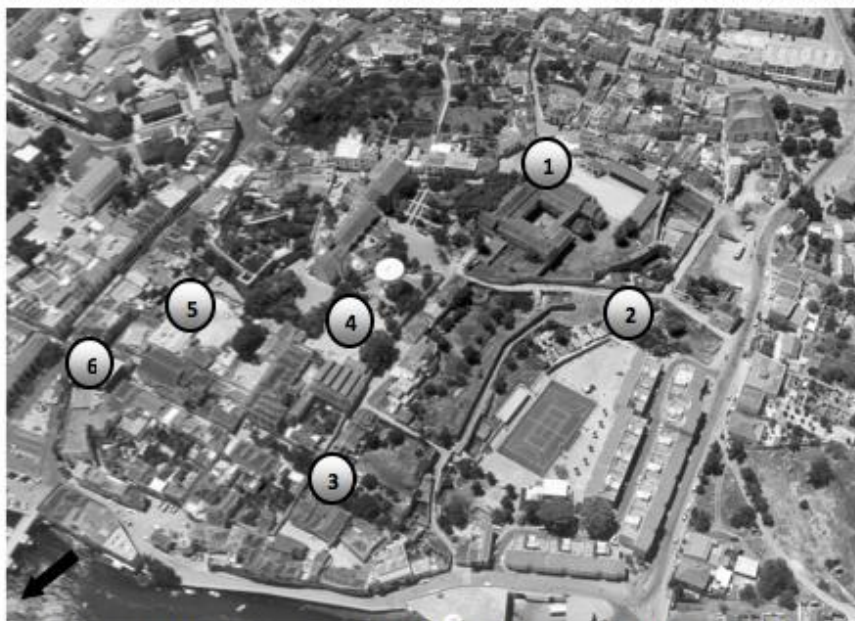
lábio. Pasta compacta de grão fino, pouco compacta e de tonalidade esbranquiçada. Verniz de cor preta, baço, pouco aderente e pouco espesso. Diâmetro do bordo: 18 cm. Espessura da parede: 0,8 cm

Bibliografia

- ARRUDA A. M. (1997) - *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*. Lisboa: Colibri.
- ARRUDA A. M. (2002) - *Fenícios en Portugal: fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueologia de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueologia Mediterránea; 5-6).
- ARRUDA A. M. (2003) – “Tavira: afirmação do poder e estratégias de ocupação do território durante a 1ª Idade do Ferro”. In *Tavira. Território e poder*. Lisboa: IPM/Câmara Municipal de Tavira, p. 51-56.
- ARRUDA A. M. (2005) – “Ânforas R1 em Portugal”. In *Ati del V Congresso Internazionale di Studi Fenici i Punici*. Palermo, Università degli studi di Palermo - Facoltà di Lettere e Filosofia. 3, p. 1311-1318.
- ARRUDA A. M.; BARROS, P.; LOPES, V. (1998) – “Cerâmicas Áticas de Mértola”. *Conimbriga*, XXXVII, Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 121-149.
- ARRUDA, A. M.; BARGÃO, P.; SOUSA, E. (2005) – “A ocupação pré-romana de Faro: Alguns dados novos”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8.n.º 1, p.177-208.
- ARRUDA, A. M.; COVANEIRO, J. e CAVACO, C. (2008) - “A necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça (Tavira)”. *XELB (Actas do «Encontro Arqueologia no Algarve»)*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 8, p. 141-160.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T.; OLIVEIRA, C.P. (2007) – “Os Fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim”. In LOPEZ CASTRO (ed.) - *Las ciudades fenicio-punicas en el Mediterráneo Occidental*. III Colóquio del Internacional del centro de Estudios Fenicios y punicos, CEFYP, p. 459-482.
- ARRUDA, A.M.; FREITAS, V. T. et all. (no prelo) – “Castro Marim (Algarve, Portugal) et les Phéniciens au Sud du Portugal”. *Le VIIIème congrès international des études phéniciennes et puniques. La vie, la religion et la mort dans l'univers phénico-punique*. Hammamet – Tunisie, 10-14 Novembro de 2009.
- ARRUDA A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. e PEREIRA, R. (2006) – “A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana”. In *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal Arqueológica, vol. 13. p. 153-176.
- BARROS, P. (2003) - “As cerâmicas áticas de Tavira”. In *Tavira. Território e poder*. Lisboa: IPM/Câmara Municipal de Tavira, p. 73-75.
- BARROS, P. (2005) – “Cerâmicas áticas no Circuito do Estreito do Extremo-Ocidente Peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu Rosário, Faro e Tavira”. In *El período orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Anejos de Archivo Español de Arqueologia, vol. II, CSIC, Mérida, pp. 931-945
- BELÉN, M (2006) – “Ânforas de los siglos VI-IV a.C. en Turdetania”. *SPAL*, 15, p. 217-246.
- COVANEIRO, J.; CAVACO, S. (2012) - *Calçada de Santa Maria. Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos*. Exemplar policopiado.
- DE FRUTOS, G.; CHIC, G.; BERRIATÚA, N. (1988) – “Las ánforas de la factoría prerromana de salazones de «Las Redes» (Puerto de Santa maria, Cadiz)”. In *Actas del 1.er Congreso Peninsular de Historia Antigua*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 1, p. 295-306.

- FREITAS, V. Teixeira de (2006) - *As cerâmicas de engobe vermelho orientalizantes do Castelo de Castro Marim. Produção, consumo e comércio na Idade do Ferro Orientalizante Peninsular*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- FREITAS, V. Teixeira de; Oliveira, C.P. (2007) – “A Idade do Ferro no Baixo Guadiana”. In *As Idades do Bronze e do Ferro na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro, 14 a 19 de Setembro de 2004 (Promontoria Monográfica, 09). Faro: Universidade do Algarve, p. 409-418.
- FERRER ALBELDA, E.; GARCIA FERNÁNDEZ, F. (2008) – “Cerâmica turdetana”. In BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A. (eds.) – *Cerâmicas hispanoromanas. Un estado de la cuestión, XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores*. Cádiz, p. 201 – 219.
- LUZÓN NOGUÉ, J. M. (1973) – “Excavaciones en Itálica. Estratigrafía en el Pajar del Artillo”. *Excavaciones Arqueológicas en España*. Madrid: Ministerio de Cultura, 78.
- MAIA, M. G. P. (2000) – “Tavira fenícia. O território para Ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a.C.”. In González Prats, A., (ed.) (2000) - *Fenícios y territorio. Alicante: Generalitat Valenciana. Actas del II seminario internacional sobre temas fenicios de 1999*, Guardamar del Segura, 9-11 de abril.
- MAIA, M. G. P. (2003) – “Fenícios em Tavira”. In *Tavira. Território e Poder*. Lisboa: IPM/Câmara Municipal de Tavira, p. 57-72.
- MAIA, M. G. P. (2007) – “A pesca, a actividade conserveira e as ânforas de Tavira”. In *Historia de la pesca en el ámbito del Estrecho. I Conferencia Internacional*, vol. I, Cádiz, p. 455-488.
- MAIA, M. G. P.; Silva, L. F. (2004) – “O culto de Baal em Tavira”. *Huelva Arqueológica*. Huelva: Diputación Provincial de Huelva, XX, p. 171-194.
- PELLICER CATALÁN, M. (1978) – “Tipología y cronología de las ânforas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla)”. *Habis*. Sevilha, 9, p. 365-400.
- PELLICER CATALÁN, M. (1982) – “Las cerâmicas del mundo fenicio en el Bajo Guadalquivir: evolución y cronología según el Cerro Macareno (Sevilla)”. In NIEMEYER, H. G., (ed.) - *Phonizier im Westen*. Mainz: Philipp von Zabern (Madrider Beiträge; 8), p. 371-402.
- PELLICER CATALÁN, M.; ESCACENA CARRASCO, J.L.; BENDALA GALÁN, M. (1983) - *El Cerro Macareno*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 124).
- PICON, M. (1973) - *Introduction à l'étude technique des céramiques sigillées de Lezoux*. Centre de recherches sur les techniques greco-romaines. Dijon.
- RAMON TORRES, J. (1995) – *Las ânforas fenicio-punicas del mediterráneo occidental*. Universidad de Barcelona.
- RODRÍGUEZ, I. (2001) – “Las áreas artesanales: los alfares”. In *Actas del II Congreso de Historia de Carmona*. Carmona: Junta de Andalucía, p. 311-320.
- SOUSA, E.; ARRUDA, A. M. (2010) – “A Gaditanização do Algarve”. *Mainake*, XXXII (II), p. 951-974.

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO DO BRONZE FINAL E/OU IDADE DO FERRO



1 - Convento da Graça

2 - Bela Fria

3 - Terreiro do Parguinho

4 - Parque de Festas

5 - Palácio Corte-Real

6 - BNU

Figura 1 – Localização dos sítios arqueológicos com vestígios de ocupação do Bronze final e/ou Idade do Ferro.

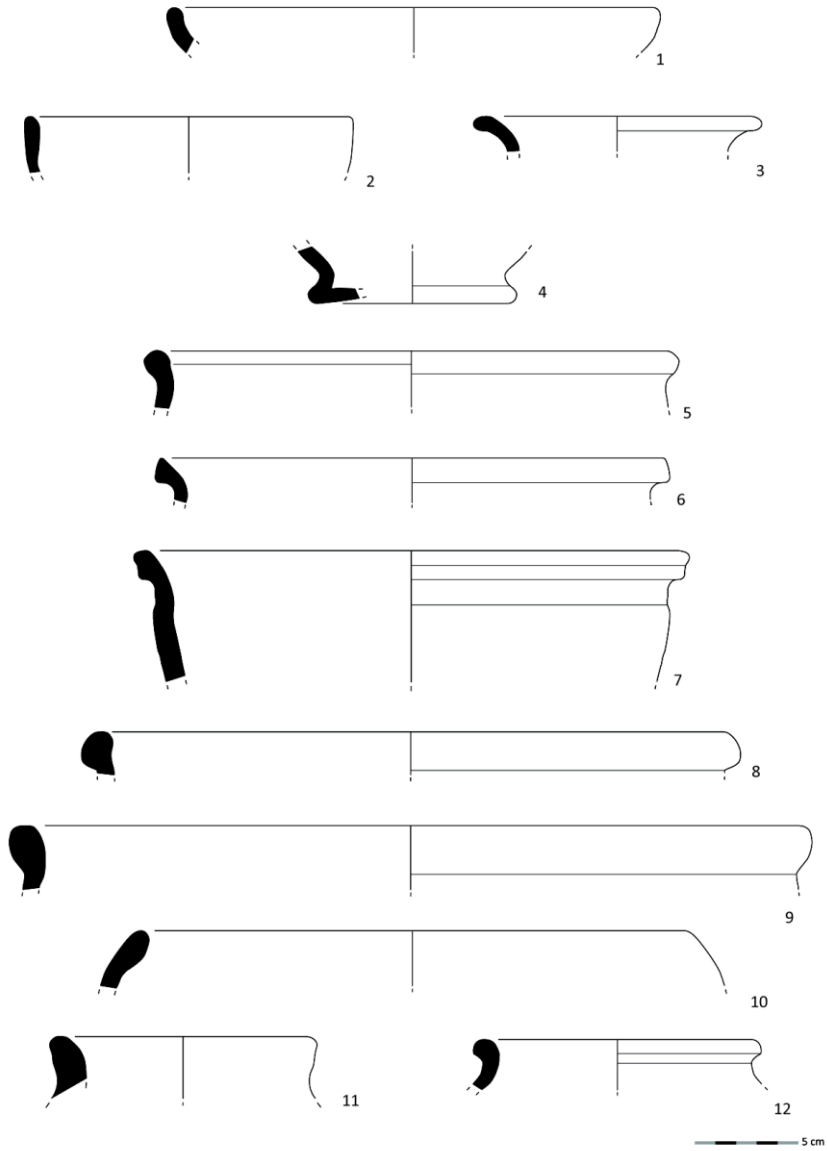


Figura 2 – Cerâmica comum de Bela Fria, Tavira.

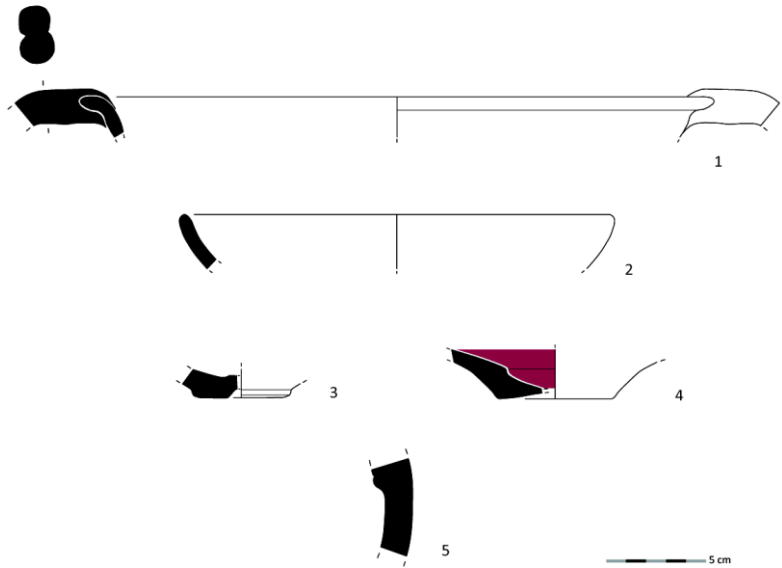


Figura 3 – Vaso afim de *pithos*, cerâmica cinzenta, cerâmica de engobe violáceo e cerâmica manual de Bela Fria, Tavira.

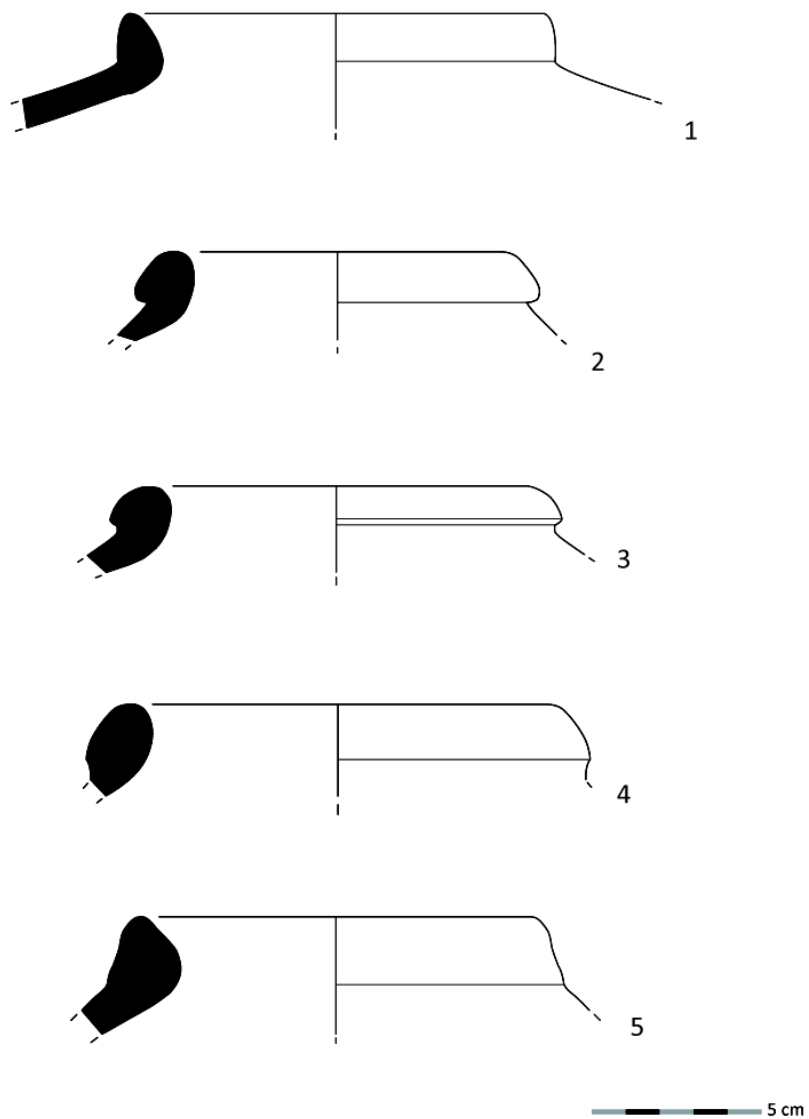


Figura 4 – Ânforas de Bela Fria, Tavira.

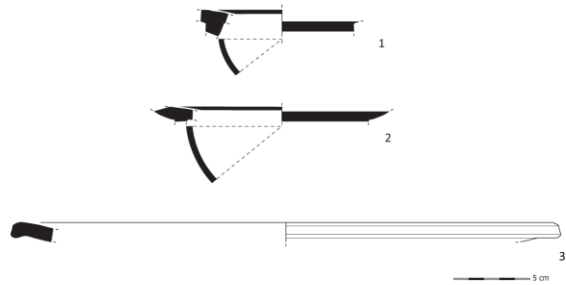


Figura 5 – Cerâmica ática de Bela Fria, Tavira.